

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O avesso do modelo – bons professores à luz da psicanálise.** Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, 1998. (Dissertação de Mestrado)

ORIENTADORA: PROF. DRA. ELIANE MARTA S.T. LOPES

No mosaico de interrogações que envolve as metodologias, a formação e o relacional como dispositivos aptos a tornarem a prática docente possível, o velho paradigma que define o *bom* professor não mais nos parece convincente. Ele recusa o avesso, o inconsciente que está lá no campo da educação tanto quanto a lousa. A quem, então, passamos a chamar de *bom* professor?

“Decerto não mais àquele que fenomenologicamente dá prova de sua eficácia, principalmente metodológica. Esse bom professor pode possuir competências instrumentais, preocupar-se com a sua formação e gostar de sua profissão, porém pode igualmente ser ‘míope’ e nem sequer supor a existência do inconsciente (seu e de cada aluno seu). Tal professor pode tentar conter as surpresas que as emergências dos aspectos relacionais trazem à tona, assegurando-se das mais adequadas técnicas pedagógicas para evitar as discontinuidades, as rupturas causadas pelo avesso do sujeito que não pára de ‘não se inscrever’ e de se repetir. Passamos a denominar de bom professor, portanto, aquele que, diante desse avesso que diz do inconsciente freudiano, não recua, mas também não insiste em técnicas vazias, não explica e não responde àquilo que não tem resposta apenas para aliviar o seu mal-estar, bem como o dos que estão a sua volta. Ora, e o que é o mal-estar senão aquilo que o desamparo nos causa: o estupor de não ter um nome que explique a coisa? Acreditamos que não recuar frente ao mal-estar, ao invés de se posicionar enquanto dono do saber, é se fazer objeto para causar no aluno o seu desejo de saber, levando-o a produzir algo novo ali onde havia somente o ‘sem sentido’. A experiência vem demonstrando que somente o sentido do professor como sabe-tudo vale pouco, aliás, não vale nada. “Talvez esse bom professor ao qual nos referimos seja aquele que, de

maneira irredutível, admite a contingência radical da experiência pedagógica” (trecho extraído da dissertação, p. 79).

Constatações como essa derivaram-se do motivo central da pesquisa que pretendeu interrogar o que leva um sujeito a ser um *bom* professor. Observamos que as fontes bibliográficas para se entender as questões sobre a ação docente contêm consideráveis lacunas no que concerne aos fatores que determinam a prática de bons professores. Visamos, então, entender o que leva um sujeito a ocupar esse lugar, revendo as características atribuídas a esse profissional pelo discurso pedagógico que, via de regra, pauta-se nos aspectos metodológicos para defini-lo. Visamos também interrogar os modelos de formação e prática docente que universalizam o que a radicalidade da experiência particulariza. Utilizamos o referencial teórico da psicanálise por julgarmos ser, ao lado da história, da antropologia e da lingüística, uma contribuição preciosa à educação, referindo-se aos seus aspectos relacionais, ou seja, a sua concepção de sujeito na relação com o outro.

Para isso, entrevistamos e acompanhamos várias docentes, buscando perceber as influências que tiveram da racionalidade científica. Levantamos acontecimentos singulares da prática dessas professoras para entender o que é esquecido ou excluído pelo discurso pedagógico: o sujeito do inconsciente e do desejo que está lá no âmago da educação. Por fim, procuramos entender as demandas prováveis dos profissionais de educação que, ora culpados, ora heróis, lidam cotidianamente com o “impossível”, minando o ideal de se construir modelos de ação a imitar, pois o avesso não cessa de se repetir e à falência destina esses modelos.